

Sinopse do Enredo

JUSTIFICATIVA - MAS PORQUE ORFEU?

Como dizia Riobaldo Tatarana, um querido personagem do escritor Guimarães Rosa, “por cativa em seu destinozinho de chão, é que a árvore abre tantos braços” – e se a alma é híbrida, são muitos braços de um mito, que inspirou o poeta Vinicius de Moraes nos tablados, se emoldurou nas telas da sétima arte e até já coloriu a passarela do samba na ótica da genialidade.

A arte nos liberta e, com a liberdade concedida por ela, desvários antológicos puderam existir. E nessa tradução de sentidos, o amor aqui chamamos de Aysú, Orfeu vira Abaeté e Eurídice passa a se chamar Anahy. Aqui na cinquentenária vermelha e amarela, a lira do grego Orfeu e o violão do carioca Orfeu da Conceição se transformam, a partir desse momento, na flauta de Abaeté. Inspirados nessas histórias, iremos transpassá-los para um Brasil tão distante, mas tão distante, que nem era esse o seu nome. Nessas terras existia um paraíso composto de oralidade, mitos, crenças e tradições.

Como toda boa história indígena, o caso de amor que serve de inspiração aos protagonistas vem do nosso Sol e da nossa Lua. Astros que se amaram e não puderam se casar. Beijo prometido nunca realizado. Para fazermos do Pindorama a nova morada de Orfeu pedimos, em nome da nossa escola, licença aos Povos Originários, a fim de prestarmos uma devida homenagem aos verdadeiros donos desse chão.

Nessa festa, um mito vai se transformar, graças à possibilidade de sonhar que o carnaval nos dá. Enxerguem semelhanças, notem diferenças, mas, acima de tudo, sintam o Aysú. É ele que conecta tudo, todos e, até mesmo, distintas mitologias.

Enredo: Flávio Campello

Sinopse: Bruno Freitas, Flávio Campello, João Alves e Jurandir Santos (Jura)

Colaboração: Erick Nakanome, Felipe Diniz, Leandro Santana e Murillo Romano

SINOPSE

O YBY PERFEITO QUE REGI

Amigos, prontos para viajarem até meu povo? Eu levo vocês e conto a minha história, mas vou ser ligeiro, pois logo minha flauta terei de tocar...

Nasci em meio às matas, onde divindades encontraram sua morada, percorreram seus espaços e a esses caminhos deram o nome de Juremá. Pude surgir rodeado por essa mata sagrada que até hoje emoldura a minha maneira de ser e de viver. Lá sempre fomos regidos por Rudá, o Deus do Aysú. Uma grande divindade, que despertou em todos esse sentimento no canto esquerdo do peito, onde fica o mangará, e que o perpetuou a todos os cantos do nosso Yby. As ações de cada um eram precedidas pela sua essência, o Aysú. Monã foi quem nos criou e, em minha vida, traçou uma jornada regida por um sentimento inspirador. De grande poder, Monã era o Deus da criação e regente dos destinos, inclusive para correções de quem se desviava do caminho. Como flecha certa em meu peito, Anahy, desde muito cedo, sempre foi a dona do meu sentimento e a Monã até hoje agradeço pelo destino que me confiou. A essa mulher meu povo deu o título de Cunhã-Poranga (a mais bela mulher) de nossa aldeia. Não bastasse tanta beleza, Anahy tinha as onças como sua ação, além de ter o lindo dom de se comunicar com a fauna de nossa floresta. Cada troca que havia entre eles funcionava como uma confirmação a nós de que eles eram tão felizes ali, quanto nós éramos. Os pássaros, seus grandes amigos, lhe davam lindas penas de presente. O Aysú entre eles encantava.

Já de outros Deuses ganhei coisas para sempre honrar. Anhum, o grande regente da música, junto de Akuanduba, o grande controlador da harmonia entre os povos, me deram uma flauta. Com ela descobri meu dom para música. E não foi só isso... eu, ainda curumim, descobri que o som que eu a fazia ecoar era suficiente para reger a paz e a harmonia do nosso Yby. Como um sonho, no coração de nossa aldeia, a perfeição pairava desde a minha infância. Em meio a tanto talento e tanta beleza, eu sentia toda a natureza emudecer para apreciarem o meu som. Sempre fazia Guaracy despertar para que ele exercesse seu poder de brilhar e iluminar a todos... Era o sinal de que o dia estava para nascer. Cada nova jornada iluminada pelos seus raios, em lindos alvoreceres, funcionava como disparos de Aysú por todos os cantos do Yby e a cada novo alvorecer víamos o tempo passar. Com o toque da minha abençoada flauta, o nosso povo aprendeu a importância do equilíbrio, do agir com Aysú a todo momento e a cumprir as missões destinadas a nós, como eu decidi cumprir.

A LENDA DE NUMIÁ E ARAPIÁ: UM MISTO DE EMOÇÕES

Guaracy, que sempre nos iluminou, não podia falar, mas sempre quando eu o via, silenciosamente, parecia me confidenciar que já foi humano e essa é uma nova história que contarei a vocês...

Tradição entre nós, sentar para ouvir as histórias do Cacique faziam parte do nosso cotidiano. Ele sempre nos contou lendas que o tempo o ensinou e, dentre tantas, a história de outro casal, Numiá e Arapiá, prendia a nossa atenção. Ele nos dizia que o Aysú sentido por eles era tão forte quanto o nosso. Passamos a querer gerar frutos como eles geraram. Frutos materiais, nossos filhos, mas também o fruto do legado. Da nossa história ser contada do mesmo jeito, no coração de outras aldeias, para futuras gerações, mas com um final muito mais feliz do que eles tiveram. Afinal de contas, o erro e a dor são o destino de quem sente Aysú, mas desvia do seu caminho...

Foram quatro filhos gerados desse amor. Irmãos de uma união poucas vezes vista, onde todos eles eram especiais: Mutin, o mais belo, nasceu com a missão de fertilizar as flores, colorir os campos e fazer verdejantes matas refletirem sua beleza. De tão belo, vivia sempre acompanhado pelas apaixonadas Parapanãs. Essas belas borboletas, que até hoje voam pelo Yby, encontravam, no afã do mais belo filho de Numiá e Arapiá pela natureza, a resposta para o sentido da existência delas e passaram a aliar seus vôos junto a ele para lutarem pelo bem estar das matas. Usavam da polinização (grande trabalho das borboletas na natureza) para fortalecer a missão de fertilizar as flores que cabia à Mutin. Tratava-se de um outro lindo caso de amor. Puerê, o feliz, tinha poder de fazer a luz brilhar mais forte por todo Yby. Irradiava a luz por onde passava e era um condutor dos bons sentimentos pela aldeia. Brilhar era inerente a ele. Katú, o sábio, era o grande conselheiro da aldeia. Era a quem todos procuravam, a fim de saber como agir, para refletir e aceitar os desafios impostos pelo destino. Em contato com a natureza, era responsável por fazer as folhas das árvores caírem para o ciclo da renovação fluir. Já Nhará, dono da bravura, era admirado pela resiliência demonstrada. Cabia a ele suportar as baixas temperaturas que amedrontavam a todos e chegavam a falar que ele era capaz de fazer nevar, tamanha familiaridade por esse período. Liderava os trabalhos na aldeia para adaptar o espaço a resistir ao frio e não deixava nenhum irmão sucumbir em um período que poderia ser nocivo a quase todos.

Meu medo ao ouvir essa história sempre foi quando o desejo pelo poder cegou os pais e superou o Aysú sentido entre eles. Sempre pedi aos Deuses um novo fim para Anahy e para mim. De tanta ganância, a cegueira fez com que eles não enxergassem nem seus filhos e passassem a guerrear pelo comando do Yby. E foi assim, para haver paz, que Monã, criador e regente dos destinos, transformou Numiá em Jaci para iluminar a noite e Arapiá em Guaracy para aquecer o dia e nunca mais se encontrarem. Com isso, chega a dor da separação não só para eles, mas também para os quatro frutos desse Aysú. Como punição pelos erros dos seus pais, tamanha a fúria de Monã, eles foram reger as estações do ano que mais se assemelhavam, se alternando de três em três meses, e também nunca mais se encontrando.

QUANDO A LUZ DO DIA NO YBY SE APAGOU... A PERDA DA MINHA ANAHY

Em mais um passeio pela floresta, dos muitos feitos por Anahy, ela pôde encontrar com algumas das mais belas criações de Monã: As Sete Deusas de Tupã. Guaipirá, Picê, Biaçá, Açutí, Arapé, Graçaí e Piná. Pura tradução do afã de Tupã pelo nosso Yby, elas formavam o mais lindo arco-íris. De todos os cantos você o via. Dessa junção de cores, o objetivo de fazer valer todas as formas de amar e assim proteger Aysú era cumprido por cada uma delas. E foi por elas que Anahy compreendeu a essência desse sentimento para a harmonia entre os povos. Era ele o poder universal. E também soube que o toque da minha flauta fazia a força dele se expandir por todo o Yby, além de fazer a chama da paz que compõe o nosso viver se manter sempre acesa. Com tudo isso, o mal nunca conseguiria chegar. Porém, logo no dia desse encontro magistral, passamos a viver nosso pior pesadelo. As Sete Deusas não imaginavam que o mal ali se escondia e acabaram de revelar não só para Anahy, mas aos representantes das forças negativas, o que era necessário para eles se perpetuarem...

Encantada com as descobertas, Anahy se encaminhou de volta para a aldeia e, em todo caminho, contemplou a magnitude de outra bela criação de Monã: a natureza. Isso a distraiu e, quando a luz do dia no Yby se apagou, o anoitecer dominou o lugar. Somente o brilho prateado de Jaci aliviava um pouco da penumbra. É nesse momento que o Deus da Noite, o temido Guarandirô, junto de suas criaturas, apareceu. Aquele que os rege e os governa, o demônio Xandorê, após ouvir o que foi dito pelas Sete Deusas, traçou um plano com Anhangá, o regente dos mortos e do submundo, e ordenou a perpetuação de seus aliados assim que anoitecesse. Agora eles sabiam que, para emplacarem, era só destruir aquela que mais fazia emanar Aysú do meu peito. Anahy tentou fugir, afinal de contas, era conhecedora de todos os caminhos da floresta. E logo a mata, tão familiar à Anahy, foi capaz de apresentar a pior das surpresas...

A temida serpente Boiuna atraía suas vítimas com o brilho da luz em seu corpo, confundido por muitos como a luz guia de Jaci. Tal armadilha levou Anahy até Boiaçuquera. Uma verdadeira prisão, morada de Boiuna. Foi ali que alguém que só sabia o significado de Aysú teve que se deparar com o veneno que hoje chamamos de maldade, capaz de a levar à morte e fazer minha jovem ser lançada no abismo da saudade.

ABAETÉ... MEU NOME É CORAGEM E DESAFIO A SOLIDÃO DA ETERNIDADE

Sem saber de seu paradeiro, confesso que me perdi até de mim. Em muitos momentos, até do meu nome esqueci. Perder minha amada me trouxe, até aquele momento, a maior ferida da minha existência. Me vi beirando a loucura. Mas, como toda a aldeia sempre me disse que coragem nunca me faltou e que, em muitos momentos, esse sentimento se confundia com meu nome, pouco tempo depois me recuperei e bradei a quem pudesse ouvir: Eu sou

Abaeté e meu nome é coragem! Acompanhado de meus irmãos guerreiros, partimos em busca de minha amada.

Após noites e mais noites de procura, tive o encontro no qual mais me arrependo nessa jornada. Guarandirô, junto de suas criaturas, espalhados e já começando a destruir o Yby, festejou na minha frente, enquanto me contava da ida de Anahy para o abismo da saudade. Me vi novamente em desespero. Não queria acreditar que tamanho pesadelo pudesse ser real. Como em um sopro de esperança, fui levado a desafiar a eterna solidão que esse fim me traria e recorri aos Deuses para que me autorizassem a descer às profundezas. Eu precisava ver, ao menos pela última vez, minha amada. Quem sentiu Aysú como nós sentimos tem o direito da despedida.

Cheguei lá, mas me deixei levar pela pureza do meu mangará e negocieei com quem não deveria. O subterrâneo comandado por Ticê e Anhangá era traiçoeiro. Esses regentes eram o que de pior poderia haver em qualquer lugar. Ticê, Deusa da inveja e maldade, não suportou ver alguém a Cunhã-Poranga Anahy. A pureza contida no coração da minha amada era o oposto dos sentimentos carregados por ela e de tudo ela fez para aniquilar a bondade e destruir sua beleza. Já Anhangá, o regente do submundo, sabia que, finalmente, a chance de rivalizar com Tupã havia chegado. Se seu plano de acabar com Anahy fosse cumprido, ele poderia destruir tudo de melhor que foi construído pelo seu rival do bem.

Eles me receberam logo na entrada das profundezas e me fizeram ver tudo que minha amada passou: desde a perseguição de Guarandirô, após ordens de Xandorê para a aniquilar, passando pela Boiuna traiçoeira se fazendo de luz guia da nossa sagrada floresta para atrair minha amada e, por fim, como me doeu vê-la ser lançada para esse terrível abismo da saudade. Consternado por saber de tudo que minha amada passou, a tristeza em meu mangará só aumentou e, junto da minha pureza, cheguei próximo de perder minha consciência.

Tais demônios se aproveitaram disso e me fizeram acreditar que eu poderia ir além de só me despedir de quem mais troquei Aysú na minha jornada. Eles propuseram dar vida à minha amada e era só eu subir com Anahy para o acordo se cumprir. Com uma condição: durante esse trajeto nunca deveria olhar para trás. Aceitei, e logo comecei a escalar o abismo de volta ao Yby com ela em minhas costas. Sem poder olhar para ela, me enchi de alegria, a ponto de achar que seria fácil. Mas, se eu alcançasse tal feito, significaria acabar com a chance do mal se perpetuar e eles não deixariam isso ocorrer. Em um gesto traiçoeiro, Guarandirô, que havia retornado ao submundo para acompanhar meu sofrimento, me fez cometer a falha que eu jamais poderia praticar. No susto de evitar a queda de minha amada, olhei para ela, e, como um castigo, tive de ver meu amor cair para sempre no abismo da saudade. Terminei minha saga com ela morta de vez em meus braços. Lágrimas saltavam pelo meu rosto e Xandorê, ao fundo, comemorava. Ele sabia que agora passaria a governar o Yby e os planos de destruição combinados com Anhangá poderiam começar, pois nunca

mais eu teria forças para voltar a ressoar minha flauta sagrada, tamanho o trauma que acabei de passar.

VI KARAÍBAS SANGRANDO ESSE CHÃO

E os dias não fizeram mais sentido. Como o mal já sabia, reger o Yby através do toque da minha flauta, foi impedido pela minha tristeza e o mundo sob a regência de Xandorê começou. Aysú e harmonia entraram em extinção. Tudo passou a ser guiado pelo caos. Como em um sopro da maldade vinda das profundezas, junto de meu silêncio, passei a ver o caos, devastação e destruição com a chegada de canoas imensas, nas ondas do Paranã azul, que nos trouxeram a fé tortuosa, a guerra, a fome e a morte... Viramos um só a quem esses Karaíbas recém chegados nos reduziram a “índios”. Hoje entendo que eles foram o pior efeito do sopro do mal. Antigas matas verdejantes viraram florestas queimadas e devastadas. Nossos rios foram poluídos, receberam o sangue da nossa população e o garimpo extraiu da natureza tudo que tínhamos de valor, em troca de moedas nunca capazes de definir tamanha riqueza.

YBYMARÃ: MEU SONHADO PARAÍSO

Vi Monã impotente diante de tanta devastação e, mesmo ainda silenciado por tamanha dor, com forças apenas para derramar incessantes lágrimas, eu não perdi a esperança que o mal pudesse ter fim. Me apeguei à saudade de Anahy e, cada lágrima derramada pela tristeza dominante em meu peito, foi um recado ao sagrado para não desistirem de nós dando maneiras de fazer nosso Yby melhorar. De tanto chorar, os Deuses me escutaram e viram em mim e na minha flauta a última saída. Prometeram nos ajudar se, nunca mais, eu deixasse de tocar meu sagrado instrumento e concordasse de renascer em outro plano. Eu concordei.

Trazido por seres divinos, um “novo” Yby passou a existir, muito semelhante ao que pude crescer. Esses seres portavam a essência de Aysú e Angatú que iriam funcionar como mantras nesse lugar. Junto deles, vários guardiões desembarcaram em nosso solo, cabendo a cada um executar a limpeza do caos para a chegada do mundo renascido para a perfeição. E assim, pude partir ao meu destino.

Tal qual o mito de “Orfeu”, eu abri mão da tristeza sem fim nesse plano e fui em busca da felicidade, em uma mágica eternidade. E foi nela que renasci e despertei nos braços da minha cunhã, que tanto fez meu mangará encher de Aysú. No céu encantado, no alto do Ybymarã, pude passar a ver meus irmãos viverem a plenitude de suas vidas, graças ao cintilar da minha flauta. Neste lugar, Rudá voltou a gerir o Aysú. Parajás voltaram a conceder os princípios de bondade, honra, paz e justiça, além de fazerem ecoar do céu até à aldeia o seu lindo canto. Angatú pôde, enfim, proporcionar a felicidade a quem um dia tanto sofreu.

E não houve um só dia em que não toquei minha flauta sagrada, ao lado da minha Anahy, sentindo Aysú a cada vez que via seu sorriso, cercado de anjos curumins que faziam meu mangará bater em “Tom Maior” e, lá de cima, sempre pude ver meus irmãos viverem a plenitude da paz no Ybymarã: nosso sonhado paraíso.